Capítulo 101

A África contemporânea

A descolonização da maioria dos países africanos deu-se nas décadas de 50 e 60. As últimas colônias a se libertarem da dominação da metrópole foram as de Portugal: Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Essas colônias tornaram-se independentes somente na década de 70.

A independência representava um passo extremamente importante para os povos africanos. Era a esperança de dias melhores em termos de educação, moradia, saúde, trabalho, etc. Mas na maioria dos países a situação pouco mudou. O colonialismo, na verdade, em diversos países transformou-se em neocolonialismo, ou seja, a dominação política direta mudou para uma dominação indireta, através do controle das riquezas do país por empresas ou grupos econômicos pertencentes às antigas metrópoles. Em outros países, a situação interna tornou-se até pior do que era antes, devido a guerras e conflitos internos.

1. A guerra de Biafra

Um dos eventos mais dramáticos e pungentes da África contemporânea foi a guerra de Biafra. As fotos de soldados e civis mortos, inclusive mulheres e crianças, chocavam o mundo inteiro. Corpos apodrecendo insepultos apareciam diariamente na televisão e nas páginas de revistas e jornais. A causa da guerra de Biafra foi um choque entre dois grupos étnicos da Nigéria.

Esse país tornou-se independente em 1960. Foi formado pela reunião do povo ibo com o povo hausa. Os ibos provinham da província de Biafra, a leste do país, e formavam a elite da Nigéria. De maneira geral tinham os melhores empregos e os melhores salários.

Em 1966, num golpe de Estado, um grupo de oficiais do exército da etnia ibo tomou o poder. Mas num contragolpe, o novo governo foi derrubado e os ibos passaram a ser caçados e massacrados no país inteiro. Os que escaparam fugiram para a sua província de origem e se declararam independentes. A província de Biafra era rica em petróleo. O governo central não iria aceitar a separação de uma das mais ricas províncias do país.

A conseqüência foi uma guerra civil que durou de 1967 até 1970. Morreram cerca de um milhão de pessoas, a maioria ibos. Biafra rendeu-se e foi reincorporada à Nigéria.

Nos anos subseqüentes, a Nigéria tem sido governada basicamente por governos militares. A corrupção domina a administração pública. O petróleo constitui a grande riqueza do país, o mais populoso da África (120 milhões de habitantes em 1995).

2. África do Sul: ascensão e queda do apartheid

Os primeiros europeus a atingir o território da atual África do Sul foram os portugueses. Como você já aprendeu estudando História do Brasil, em 1488, uma esquadra comandada por Bartolomeu Dias contornou o cabo da Boa Esperança. Mas os primeiros colonizadores foram holandeses, que lá se estabeleceram a partir de 1652.

Os ingleses também incursionaram pela região, chegando a controlar o território no início do século XIX. Em 1814, o Congresso de Viena, que formalizou a partilha da África, entregou esta parte à Inglaterra. Maciça imigração de ingleses ocorreu a partir de 1820.

A Guerra dos Bôeres — Formaram-se então duas colônias, uma de holandeses e outra de ingleses. A descoberta de diamantes e ouro, a partir do final do século XIX, provocou uma corrida rumo ao interior. Houve choques entre ingleses e os descendentes de holandeses, chamados *bôeres*. O conflito transformou-se em verdadeira guerra — *Guerra dos Bôeres* ou *Guerra da África do Sul* —, que durou de 1899 a 1902. Os ingleses saíram vitoriosos.

Em 1910 surgiu a União Sul-Africana, independente e encabeçada por líderes locais. A Constituição do novo país previa direitos iguais para brancos e não-brancos. Mas o governo que assumiu em 1924 mudou a Constituição, iniciando a política segregacionista que iria marcar a África do Sul até a década de 90. Essa política visava manter a população negra segre-

gada em reservas, ou seja, o mais separada possível da população branca. Com essa diretriz, os brancos sul-africanos pretendiam que a África do Sul permanecesse como um país exclusivamente branco.

O *apartheid* — Um novo passo nessa direção foi dado em 1948, com a introdução do sistema de *apartheid*, que estabelecia separação radical e total entre brancos e negros. Para reforçar politicamente esse odioso sistema, o governo passou a criar territórios especiais para a população negra, chamados *bantustões*. Os bantustões recebiam do governo sul-africano estatuto de países independentes. A partir do momento em que um bantustão era criado, o governo caçava a cidadania sul-africana dos negros que iriam residir no novo "país". A "independência" não passava de um truque dos brancos para livrarem-se da população negra. Os bantustões eram formados com as piores terras do país. Nenhum país do mundo chegou a reconhecer a independência dos bantustões, pois era evidente a má-fé que existia por trás da iniciativa do governo sul-africano.

O revoltante regime do *apartheid* suscitou críticas no mundo inteiro. Internamente, duas organizações de oposição se formaram na década de 50: o Congresso Nacional Africano (CNA) e o Congresso Pan-Africano (CPA). O Congresso Nacional Africano foi fundado por Albert Luthuli, chefe do povo zulu. Luthuli propunha a oposição não-violenta ao regime. Era seguidor de Gandhi, o guia e líder da independência da Índia, que tinha vivido na África do Sul na década de 20. Em 1960, Luthuli recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Como continuasse seus protestos, foi preso e confinado numa longínqua fazenda, onde morreu em 1967.

Uma das leis mais odiosas do *apartheid* era a Lei do Passe. Por essa lei, cada cidadão negro portava uma espécie de passaporte, ou cartão de identificação, que devia ser levado sempre consigo. A qualquer momento, a polícia podia exigir o cartão. Milhares de negros acabavam presos todos os anos por serem abordados pela polícia sem o cartão.

O massacre de Sharpeville — Em 1960, uma gigantesca manifestação foi organizada pelos líderes negros para protestar contra a Lei do Passe. Na cidade de Sharpeville, centenas de milhares de pessoas se concentraram diante da chefia de polícia. A orientação da liderança negra era que todos os cidadãos negros devolvessem o cartão de identificação em sinal de repúdio ao sistema de discriminação. A polícia atirou contra a multidão, matando 69 negros. O incidente ficou conhecido como o *Massacre de Sharpeville* e constituiu um dos momentos mais significativos da luta dos negros contra o *apartheid*. Devido à impotência diante de uma polícia extremamente violenta, bem como diante da total recusa do governo branco em fazer qualquer concessão, muitos negros decidiram partir para a luta armada contra o regime racista.

O boicote externo — Logo após as primeiras ações armadas, o governo reagiu banindo o Congresso Nacional Africano e todas as outras organizações negras. Seus líderes tiveram de fugir para o exterior. Os que não conseguiram esconder-se foram presos. Um dos principais líderes negros era *Nelson Mandela*. Ele foi preso em 1962 e condenado à prisão perpétua.

No âmbito internacional, a África do Sul sofria amplo boicote econômico e cultural. A maioria dos países se recusava a enviar atletas para participar de competições esportivas no país do *apartheid*. Atletas sul-africanos não eram aceitos em jogos olímpicos e outras competições. Somente Israel mantinha cooperação com o governo sul-africano, envolvendo sobretudo o fornecimento de armas.

O *boom* econômico — Nas décadas de 60 e 70 a África do Sul conheceu um grande crescimento econômico. Suas ricas minas de ouro e de diamantes (as maiores do mundo) foram responsáveis por parte deste crescimento. Mas muitas empresas estrangeiras também participaram deste *boom*, furando o bloqueio econômico e investindo em fábricas e empreendimentos financeiros. No final da década de 70, a população branca da África do Sul usufruía de um padrão de vida semelhante ao dos mais desenvolvidos países do mundo. O crescimento econômico beneficiou em parte a população negra. Como havia carência de mão-de-obra especializada, os brancos passaram a treinar negros para trabalhar nas fábricas e nas minas. Os salários subiram.

Soweto — Mas os benefícios do crescimento atingiram apenas uma parcela da população negra. A grande maioria estava totalmente marginalizada. A tensão voltava a crescer e explodiu em 1976 na cidade de *Soweto*. Esta era uma espécie de cidade-dormitório para os negros que trabalhavam em Johannesburgo. Fica a uma hora de Johannesburgo. Um milhão de negros morava em Soweto. Nenhum negro de Soweto podia morar em Johannesburgo, devido à Lei do Passe.

Uma lei de 1976 obrigava as escolas negras a ensinar pelo menos 50% do conteúdo curricular em *afrikaans*, a língua dos brancos. Em Soweto, houve manifestações generalizadas contra a determinação. Como sempre, a polícia interveio atirando. Resultado: 25 estudantes mortos e cerca de 200 feridos. O levante de Soweto funcionou como um rastilho de pólvora. Milhões de negros protestaram contra o massacre no país inteiro. Outros 500 negros morreram e milhares ficaram feridos. Numerosos líderes foram presos. Uma das principais vozes negras era a do jornalista *Steve Biko*. Em 1977 Biko foi preso e torturado até a morte. O fato teve ampla repercussão internacional e foi um dos fatores que determinaram o início das reformas do regime político da África do Sul. Outro importante líder negro foi o bispo anglicano *Desmond Tutu*; ao mesmo tempo que fazia severas críticas ao regime do *apartheid*, Tutu defendia a resistência pacífica. Em 1984 recebeu o Prêmio Nobel da Paz.

Finalmente, as reformas — Em 1978 assumiu como primeiro-ministro o político Piether Botha. Foi ele que arquitetou as primeiras, ainda tímidas, medidas visando afrouxar o regime do *apartheid*, objeto da condenação de todos os países do mundo. Em 1979 o governo legalizou os sindicatos negros. Seguiram-se novas medidas em 1984 (criação de um parlamento para negros e indianos) e 1985 (abolição da proibição de casamentos mistos).

Mas essas medidas não agradavam nem aos brancos, que achavam que Botha estava indo longe demais, nem aos negros, que não confiavam em reformas vindas dos brancos. Por isso, o início da década de 80 foi extremamente violento. Os elementos mais radicais do Congresso Nacional Africano passaram a atacar alvos do governo com bombas e outras armas. O ano de 1985 foi um dos mais violentos da história do *apartheid*: revoltas violentas, tiroteios, incêndios e mortes ocorreram no país inteiro.

O impulso maior para acelerar as reformas foi dado pelos próprios brancos. Eles estavam sentindo que seu país não poderia continuar como verdadeiro pária da comunidade internacional. Por outro lado, o boicote promovido pela maioria dos países, que se acentuou a partir de 1984 com a campanha desenvolvida pelo bispo Desmond Tutu, começava a se fazer sentir concretamente e a afetar a atividade econômica.

A pressão internacional se intensificava cada vez mais, concentrando-se sobretudo na figura de Nelson Mandela, cuja libertação era exigida em todas as partes do mundo.

O desmantelamento do *apartheid* — Reformas mais efetivas começaram então a ocorrer. Seu arquiteto, agora, era o novo presidente, Frederick De Klerk. Ele estava efetivamente disposto a mudar as leis do país. Já no ano seguinte à sua posse, isto é, em 1990, Nelson Mandela saiu da prisão, tornando-se uma das figuras mais populares e respeitadas do mundo. O partido de Mandela, o Congresso Nacional Africano, foi reconhecido como organização legal.

Ainda em 1990, outras leis segregacionistas foram abolidas, como a da proibição de os negros freqüentarem certos locais públicos. No ano seguinte foram extintas praticamente todas as leis restantes que sustentavam o *apartheid*.

Embora pressionado por uma minoria de brancos de extrema direita, De Klerk organizou em 1992 um plebiscito só para a população branca, com o objetivo de consultá-la sobre as reformas. O resultado confirmou a política do presidente: 69% dos votantes manifestaram-se a favor das reformas. Era o apoio de que o presidente precisava. No mesmo ano, o Congresso Nacional Africano abandonou a luta armada.

O passo seguinte foi a organização de eleições multirraciais, isto é, nas quais brancos e negros votassem em igualdade de condições. O ano de 1993 foi praticamente todo dedicado a isso. As eleições foram marcadas para abril de 1994. Em outubro de 1993, graças aos seus esforços para conseguir uma solução negociada e pacífica para a situação de seu país, Nelson Mandela e Frederick De Klerk receberam o Prêmio Nobel da Paz. Nas eleições de 1994, brancos e negros se misturaram

nas filas para votar. Mandela foi eleito presidente da República. Terminavam 350 anos de dominação de uma minoria branca sobre uma esmagadora maioria negra.

De uma população de 40,8 milhões de habitantes (1994), 70% são negros, 18% são brancos, 9% são mestiços e 3% são asiáticos. A renda *per capita*, em 1992, era de 2670 dólares, muito mal distribuída, já que a população branca tem um nível de vida igual ao dos países mais desenvolvidos, enquanto os negros igualam-se aos mais pobres do mundo.

3. Argélia: ressurgem com força as organizações islâmicas

Após a independência, em 1962, a Frente de Libertação Nacional passou a constituir a força política dominante na Argélia. Seu líder máximo, *Ahmed Ben-Bella*, assumiu como primeiro presidente da República.

Ben-Bella governou apenas três anos. Desentendimentos em torno da condução da política argelina culminaram num golpe de Estado contra o presidente. O chefe golpista foi o coronel *Houari Boumedienne*, que substituiu Ben-Bella. O novo presidente manteve a política de busca do socialismo e de apoio aos movimentos de libertação de países do Terceiro Mundo. Em 1971, nacionalizou os campos petrolíferos franceses de petróleo e gás natural.

Boumedienne morreu em 1979, sendo substituído por Chadli Benjedid. No início dos anos 80, o governo argelino passou a introduzir mudanças na economia. O objetivo era abrir a economia para atrair investimentos estrangeiros. Mas o alto nível de desemprego, a inflação também em alta e a corrupção na administração pública desencadearam ondas de protestos em 1988. O governo tentou contornar a situação promovendo reformas políticas. O socialismo deixou de constituir compromisso do partido governista. Uma nova Constituição foi promulgada, prevendo o pluripartidarismo. Surgiram imediatamente partidos islâmicos, dos quais a Frente Islâmica de Salvação foi o mais importante. A FIS era um partido formado por religiosos muçulmanos que queriam transformar a Argélia num país essencialmente islâmico, com sua vida baseada no *Corão*, o livro sagrado do islamismo. A FIS passou a combater a influência ocidental na vida do país.

As primeiras eleições locais dentro do novo sistema ocorreram em 1990. A FIS obteve ampla maioria.

A abertura política foi ampliada, sendo anistiados muitos presos políticos. Ben-Bella voltou do exílio. Mas a força política que mais cresceu foi a da FIS. Sua influência sobre a sociedade argelina foi aumentando de tal maneira que começou a entrar em choque com a direção do país, ainda em mãos da FLN.

Novas eleições parlamentares estavam marcadas para 1992, mas não se realizaram. O governo previa esmagadora vitória da FIS e cancelou o pleito. Os militares deram um golpe de Estado e assumiram o poder. A FIS foi posta na ilegalidade. Milhares de partidários da FIS foram presos.

Os militantes islâmicos passaram a reagir com atentados de todos os tipos contra os militares e até contra os estrangeiros. O próprio presidente da República foi assassinado. O clima era de guerra civil. Desde o golpe até meados de 1995, milhares de pessoas haviam sido assassinadas, entre elas professores universitários, escritores e jornalistas. Todos os estrangeiros foram avisados para saírem do país, ameaçados de morte pelo Grupo Islâmico Armado, dissidência armada do FIS.

Em agosto de 1995, o governo anunciou a realização de novas eleições, convidando os partidos a inscreverem seus candidatos. A data para o pleito seria 16 de novembro de 1995.

4. As ex-colônias portuguesas

Como foi dito no início deste capítulo, as colônias que Portugal mantinha na África foram as últimas a tornarem-se independentes.

Angola: guerras sem fim — Angola foi formada por colonizadores portugueses que chegaram à região em 1583. Até o final da II Guerra Mundial não houve resistência à dominação colonial. Só depois da II Guerra é que se formaram os primeiros movimentos de libertação. Surgiram o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e a União dos Povos do Norte de Angola (UPA). Os movimentos foram duramen-

te reprimidos por Portugal e seus líderes passaram a viver no exílio.

Na década de 60 a UPA fundiu-se a outro grupo, dando origem à Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), comandada por Holden Roberto. Era apoiada pela CIA. Uma cisão dentro da FNLA deu origem a outro grupo: a Unita, sob a liderança de Jonas Savimbi; tinha apoio da China. O MPLA passou a ser comandado por Agostinho Neto e tinha o apoio da União Soviética.

A queda da ditadura de Salazar, em Portugal, em 1974, deu início às primeiras negociações entre os movimentos de libertação e o novo governo português. A independência veio logo no ano seguinte. Como o MPLA era o movimento hegemônico, concentrado basicamente na capital, coube a ele formar um governo, sob a presidência de Agostinho Neto. Os conflitos com os outros movimentos não demoraram. Mas a FNLA abandonou a luta, restando apenas a Unita, que era apoiada pela África do Sul. Cuba socorreu o governo angolano com cerca de 30 000 soldados durante certo tempo. Agostinho Neto morreu em 1979, sendo substituído por José Eduardo dos Santos.

No final da década de 80 foi adotada uma nova Constituição. O governo afastou-se da linha marxista e passou a implantar medidas para transformar a economia centralizada em economia de mercado.

A guerra civil teve um pequeno intervalo em 1991, quando se realizaram eleições, que foram vencidas pelo MPLA. A Unita contestou o resultado e a guerra prosseguiu. Novas negociações foram iniciadas em 1994, culminando com uma trégua supervisionada pela ONU. Em 1995 a Unita aceitou depor as armas e integrar-se ao governo. Jonas Savimbi passou a ocupar uma vice-presidência.

A guerra civil deixou a economia de Angola devastada. Calcula-se em mais de 500 000 o número de mortos.

Moçambique — Também em Moçambique o domínio português não foi contestado até o início da década de 60. Em 1962 um grupo de nacionalistas moçambicanos fundou a *Frelimo — Frente de Libertação de Moçambique*. Seus líderes viviam no exílio, pois a repressão era violenta.

Com a queda da ditadura salazarista, Moçambique obteve sua independência. O líder da Frelimo, *Samora Machel*, assumiu a Presidência do país. O socialismo foi adotado como linha oficial do governo.

O novo governo não tinha inimigos internos. Em compensação, passou a sofrer o ataque da Resistência Nacional de Moçambique — Renamo, a partir da vizinha Rodésia, hoje Zimbábue. Quando um governo negro assumiu no Zimbábue, a Renamo transferiu-se para a África do Sul, de onde atacava o interior de Moçambique. Machel morreu em um desastre aéreo em 1986, sendo substituído por Joaquim Chissano.

A situação de Moçambique alterou-se com as mudanças na África do Sul. A Frelimo e a Renamo passaram a negociar. Em 1993, o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, exigia o controle de boa parte do país e se recusava a colocar suas tropas sob o comando do exército.

Apesar dos acordos entre os grupos em conflito, a situação de Moçambique era gravíssima, pois anos seguidos de guerra e de seca causaram a morte de milhões de pessoas, deixando o país arrasado.

Guiné-Bissau — O intelectual nacionalista Amílcar Cabral fundou, em 1956, o *PAIGC — Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde*. Passou à luta armada contra a presença portuguesa em 1962. Amílcar foi assassinado em 1973, assumindo em seu lugar Luís Cabral, seu irmão.

O PAIGC proclamou unilateralmente a independência em 1972, mas a paz só foi possível em 1974, com a retirada dos portugueses. O marxismo era a linha oficial do governo. Em 1980 Cabral foi deposto, causando também a separação entre Guiné-Bissau e Cabo Verde.

No início da década de 90 começaram as reformas políticas que levaram o país a abandonar o sistema de partido único e a economia centralizada. Eleições multipartidárias haviam sido marcadas para 1994.

Questões propostas

1. Em que consistiu a guerra de Biafra?
2. Qual era a origem dos colonizadores da atual África do Sul?
3. O que foi a *Guerra dos Bôeres*?
4. Em que momento se definiu o sistema de *apartheid*?
5. Que organização e que líder se destacaram na luta contra o *apartheid*?
6. O que foi o *Massacre de Sharpeville*?
7. Em que momento começaram as reformas?
8. Como culminaram as reformas?
9. O que tem caracterizado o cenário da Argélia a partir da década de 80?
10. O que foi a guerra civil em Angola?
11. Que problemas enfrentou o governo de Moçambique após a independência?